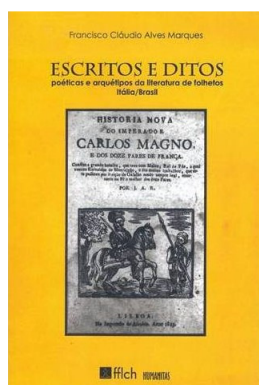


O escrito e o dito

Carla Kühlewein

Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), Apucarana, PR, Brasil
Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-8937-8581>
E-mail: carlak.literatura@gmail.com



Resenha de:

MARQUES, Francisco Cláudio Alves. *Escritos e ditos: poéticas e arquétipos da literatura de folhetos Itália / Brasil*. São Paulo: Humanitas; FAPESP, 2018. 308 p. ISBN: 978-85-7732-357-9 (impresso).

Texto recebido em: 27/03/2019

Texto aprovado em: 31/05/2019

Parente próximo dos ibéricos *pliego solto* e “folha volante”, o folheto nordestino faz ecoar as vozes do universo maravilhoso de figuras lendárias como Carlos Magno e a Imperatriz Porcina. Esta é uma das incursões teóricas voltadas à literatura de cordel e também o ponto de partida de mais um dos densos estudos do professor e pesquisador Francisco Claudio Alves Marques, neste livro.

Mas o que fariam arquétipos como estes atravessarem o oceano, perdurarem por tanto tempo e chegarem “vivos” ao Brasil? É a pergunta inicial que conduz uma série de oito capítulos de uma investigação que busca comprovar a hipótese de que a literatura de cordel recria o arquétipo do cavaleiro medieval ou da donzela casta e fiel, sobretudo durante os séculos XIX e XX, porque ele desempenharia uma função importante para a sociedade desse período.

Isso posto, embrenha-se o pesquisador na tarefa homérica de recuperar a trajetória, *pari passu*, das matrizes impressas e orais que aproximam o folheto popular da renascença italiana ao nordestino do período republicano, sem desprezar, contudo, traços peculiares. Não se trata, avisa ele, de investigar a genealogia dos folhetos na Itália e no Brasil, mas de compreender as estratégias empregadas pelos poetas populares na reelaboração de narrativas seculares e os

motivos que os levam a revitalizar códigos e adequá-los à realidade dos leitores / ouvintes de seu tempo.

Para ingressar nessa empreitada, entende a poética popular para além de sua estética, abarcando também seu modo de produção que envolve as intersecções entre *o escrito e o dito*. Apoiando-se em Paul Zumthor, Câmara Cascudo, Teófilo Braga, e um vasto aporte teórico, sobretudo no campo da literatura oral e popular, o livro é resultado de um rico arsenal de vivências: a do pós-doutor, a do docente e a do nordestino alfabetizado pelo folheto de cordel.

O ponto de partida dessa odisseia é a praça pública de Siena, Milão, Florença, Bolonha e Roma, entre os séculos XIV e XV, quando circulavam os *libretti muricciolli*. Esses folhetos (*libretti*) eram vendidos nas ruas ou ficavam dependurados em muretas (*muricciolli*), expostos democraticamente ao lado de obras eruditas. Nesse meio tempo surgem os *cantastori*, espécie de bufões que se aproximariam dos primeiros cordelistas brasileiros por envolverem-se integralmente nessa prática: da edição e impressão até a performance e vendagem dos folhetos em praça pública e no trajeto.

Em meados do século XVI até o início do século XX, cristalizam-se outras modalidades poéticas, como os *briganti*, relatos de feitos heroicos, e os *contrasti*, disputas orais semelhantes ao repente nordestino, registradas nos *libretti muricciolli* e praticadas até hoje ao Sul da Itália. Nesse período, as narrativas que circulavam pela Itália eram editadas em folhetos com vistas ao entretenimento ou sob encomenda. Uma das mais conhecidas era o mito da Cuccagna, espaço imaginário onde a máxima é o ócio desmedido, que encontra seu correlato nordestino na terra de São Saruê.

Nesse período, a oralidade era a forma de transmissão predominante, ao lado da iconográfica e musical, por isso o povo tinha ouvido treinado para composições eruditas, fato que coloca em xeque os limites entre o erudito e o popular na literatura de folhetos. É a esses limites que Marques se propõe a estudar, verificando o conjunto de elementos compostos por empréstimos, acréscimos, supressões, transformações, enfim matrizes entre *o escrito e o dito*.

O século XVI inaugura o ciclo dos anti-heróis, com adaptações de gestas carolíngias de Bertoldo, Bretoldinho e Cacasseno, que perpassam Itália e Portugal, chegando ao Brasil na figura de Pedro Malasartes, Cancão de Fogo, João Leso, Camões e João Grilo. Ao mesmo tempo, em Portugal, a História de Carlos Magno se destaca como a mais lida e reproduzida, reverberando na literatura de cordel no

Brasil, atestando a vitalidade do código que sobrevive às reelaborações europeias e passa pelo crivo ideológico e cultural da região nordestina.

Via folhas volantes, os colonizadores que desembarcavam no Brasil traziam na memória imagens e relatos da vida em novas terras, plasmada em duas compilações que circulavam na Europa: *Mundus Novus*, que relacionava o Mundo Novo à Coccagna, e *Lettera al Soderini* (Carta a Soderini), que trazia relatos de viagens de Américo Vespúcio. Isso explicaria porque um território como São Saruê tenha perdurado no imaginário popular nordestino séculos após o descobrimento do Brasil.

Assim o Novo Mundo passa a ser também o reduto para onde convergem os ideais cavaleirescos. A aventura de se lançar rumo ao desconhecido vai ao encontro de narrativas fantásticas de novelas como Amadis de Gaula e Palmerin de Inglaterra, que recuperam o arquétipo do herói valente, honesto e forte. Aqui revela-se mais um ponto de conexão: na novela medieval o amor é o mecanismo propulsor do herói, mas a dificuldade em concretizá-lo dá origem às aventuras às quais ele se lança, os romances nordestinos partem desse mesmo princípio.

Essa inclinação ao gosto por aventuras cavaleirescas se manteria por séculos no Brasil, mesmo após seu descobrimento, amalgamando-se à presença do elemento africano e contribuindo para a formação do público de “auditores”, termo recuperado de Antonio Candido para referir-se aos analfabetos que apreciavam o canto dos folhetos e toda sorte de performance oral. Exemplo dessa prática são as *akpalôs*, negras que contavam história, com ritmo marcado e cadenciado, para os próprios filhos e os do homem branco.

Nesse meio tempo cabe a relevância de que, até o século XVIII, a Corte Portuguesa proibia a impressão de exemplares no Brasil, de modo que à mesa censória cabia a tarefa de indicar o que poderia ou não passar pelo crivo da Coroa. As folhas volantes atingiram um número expressivo de aprovações e não tardaram a se alastrar por todo o Nordeste. O cantador nordestino é um depositário dessa herança cultural longínqua e é o responsável direto pela revitalização dos arquétipos que dela provêm.

Assim a voz do português é incorporada pela poesia popular nordestina por meio da leitura de textos como bíblia, breviários, salmos, benditos, cantorias, pejejas, desafios, cantigas de roda, canto, dança, provérbios e ditos populares, o romanceiro ibérico. Parte desse repertório de leituras está registrada em quatro livros que se popularizaram nessa época: *Missão abreviada*, versão resumida de

textos bíblicos organizada pelo Padre Manuel Couto; *Lunário perpétuo*, manual astronômico e astrológico; *Manual enciclopédico*, compilação dos dois anteriores, e *Dicionário de fábulas*.

No tocante à estética, o cordel nordestino também se aproxima do italiano, especialmente pelas sextilhas e oitavas, estas largamente praticadas por Boiardo e Ariosto, na Renascença. Elementos de intersecção também podem ser observados no tom didático-moralizante, na procedência medieval e na sua permanência na atualidade. Também na Itália os folhetos satíricos ainda hoje são produzidos e comercializados, a exemplo das *muricciolaia*.

Ao lado dos anti-heróis e cavaleiros valentes, cultiva-se também na literatura de folhetos a figura do bandido. No século XIX, a Itália sentia os abalos da situação sócioeconômica, o que serviu de salvoconduto para levantes populares e a criação de um movimento popular de resistência, o *brigantaggio*. Isso teria reverberado nos *briganti* ou *libretti briganteschi*, que eram formulados sob um enredo maniqueísta e um herói que oscilava entre o justiceiro, defensor de causas sociais nobres, como a honra e o amor, e o rebelde social, que se apoia em meios mágicos para conquistar seus feitos.

Os *briganti* contribuem para a recuperação de outro arquétipo: o generoso ladrão Robin Hood, que roubava dos ricos para dar aos pobres. Nos folhetos italianos ele atende sob a alcunha de Orlando, o paladino dos menos abastados, inspirado no bandido rural, recriminado pela classe alta, mas aclamado como herói pelo povo. Já nos nordestinos, a bandidagem fica por conta de Lampião, Antônio Silvino, Corisco, Jesuíno Brilhante, dentre outros cangaceiros.

Da mesma forma que o *brigantaggio*, o cangaço também é um movimento que surge em decorrência da tensão social que assola o nordeste brasileiro: de um lado o idealismo defendido pela República e de outro a resistência a ele e a revolta gerada pelos rastros de desigualdade e miséria. Assoma-se a isso o efeito climático catastrófico na região e o enfraquecimento de expectativas individuais e coletivas, despertando o clamor por justiça. É ao socorro desse pedido que vem a figura do cangaceiro, o bandido paladino dos fracos e oprimidos.

Tal como nos brigantes italianos, Lampião e Antônio Silvino ingressam no litígio por causa de uma injustiça pessoal, que, aos poucos, se converte em causa coletiva. Revestidos pela invencibilidade, eles assumem uma dupla face: a cruel, já que não medem esforços para servir aos propósitos dos coronéis; a social, pois lutam pela justiça coletiva. Em ambas muitas vezes perpassa a violência

desmedida, motivo que os leva a distanciarem-se do arquétipo de Robin Hood, que luta pelos injustiçados sem ferir ninguém.

Engrossando o caldo das recriações dos folhetos populares, estariam também os astutos brejeiros. Na Itália eles aparecem como *villani*, a figura do camponês matuto encontrada em Marcolfo, Bertoldo, Biagio, Grillo, Campriano e Cacasseno. Já no Brasil isso fica a cargo dos “amarelinhos”, os “sabe-tudo” como Pedro Malasartes, João Grilo, João Leso, Cancão de Fogo, Pedro Quengo, Bocage e Camões. Lá e cá as personagens estabelecem diálogos à medida que aqueles representam a contraposição dos seres do mundo inferior ao do superior e estes o herói ladino que desautoriza a ciência da era republicana.

Diferenciam-se estes dos demais heróis porque, ao invés da coragem e do preparo físico, dispõem de uma cabeça boa para se livrar das mais diversas intempéries, por isso são descritos como franzinos e típico físico desfavorável. Sob essa perspectiva, os logros promovidos pelo astuto camponês representariam, inconscientemente, a crítica à ordem religiosa e política. Assim o leitor / ouvinte pode encontrar neles uma forma de externar sua indignação frente às injustiças sociais.

Encerrando o ciclo de poéticas que envolvem *o escrito e o dito*, surge a figura da Imperatriz Porcina. Conhecida como Dona Genevra ou Santa Genoveva, na literatura de folhetos italianos e portugueses, a história dessa personagem traz o arquétipo da mulher casta e fiel acusada de adultério. No Brasil, é colocada em romance pelos chamados “poetas de bancada” Francisco das Chagas Batista e João Martins de Ataíde. Porcina seria um exemplo feminino adotado para e pela mulher nordestina, pois é bela, meiga, educada, obediente. Isso mostra que a atualização dos arquétipos medievais na literatura de cordel traz questões relativas à moral e aos bons costumes, de ordem psicológica, econômica e social.

Mas o que levaria os poetas populares a adaptarem todas essas narrativas? Marques responde à pergunta com base em relatos de poetas populares, que apontam no povo nordestino o motivo da demanda, pois está acostumado a ouvir, ler versado, por isso lhes agrada o livro em prosa. Como os romances medievais são muito extensos e complexos, o poeta nordestino ocupa-se em condensar a história, aproximando-a do contexto moderno e simplificando a linguagem, para que o leitor / ouvinte possa se deleitar e identificar com ela.

Nas páginas finais do livro são levados em conta ainda aspectos que aproximam a poética nordestina à do período medieval, como a dramaticidade, uma

vez que em ambos há a presença do texto cantado em praça pública com performance que alcance um público grande e variado. Ademais a presença dos verbos “ver” e “dizer” indicam que a história se faz pela audição, cristalizando a relação texto / ouvinte que se assemelha à do recitante / auditório.

Enfim, a performance da voz está intimamente ligada à teatralidade da praça pública, aspecto verificado pelo olhar atento de Francisco C. A. Marques e que muito contribui para os estudos culturais. De Bertoldo a João Grilo; de Robin Hood a Lampião; da Coccagna a São Saruê, na literatura de folhetos arquétipos são revitalizados nas poéticas do eixo Itália / Portugal / Brasil, cuja relevância reside em seus modos e razões de criação popular.

É, portanto, no trânsito entre *o escrito e o dito* que o leitor é conduzido, do início ao fim do livro, sob a lente atenta e articulada de quem conhece bem a poesia popular, não apenas porque se debruça a compreendê-la, mas porque dela nasceu e bem lhe conhece as peculiaridades.

Carla Kühlewein é Professora nos Cursos de Letras e Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), em Apucarana, no Paraná, Brasil. É Mestre em Teoria Literária e Literatura Comparada e Doutoranda em Literatura e Vida Social na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), câmpus de Assis, em São Paulo. Graduada em Letras Vernáculas e Clássica pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), no Paraná.

Como citar:

KÜHLEWEIN, Carla. O escrito e o dito. *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 15, n. 1, p. 571-576, jan./jun. 2019. Disponível em: <pem.assis.unesp.br>. Resenha de: MARQUES, Francisco Cláudio Alves. *Escritos e ditos: poéticas e arquétipos da literatura de folhetos Itália / Brasil*. São Paulo: Humanitas; FAPESP, 2018.